



O DOCE SABOR DA VITÓRIA

TIAGO CRACCO MIRANDA ^{1*}



Conheci Vitória na greve estudantil. A tensão se sentia no ar, a cada respiração. O governo tinha anunciado mais um “contingenciamento” de verbas, o Magnífico Reitor bradava que não tinha mais orçamento para encerrar o ano acadêmico. Os estudantes já não mais aguentavam a condição de insalubridade a que eram submetidos diariamente nas estruturas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Uma assembleia foi convocada por nosso Centro Acadêmico, com uma única pauta: a inevitável deflagração de uma greve estudantil, em acompanhamento às greves dos docentes e dos técnicos, já em curso.

Eu, encenando meu papel de bon vivant alienado com mais tempo livre do que é considerado saudável, tinha ido aos bancos de nosso centro de convivência apenas para fumar meu tabaquinho habitual antes do expediente e me entreter um pouco com as acaloradas discussões daqueles que querem mudar o mundo com palavras bonitas e frases feitas. Acompanhei a assembleia como mero figurante, apenas com alguns apontamentos nada pertinentes. Mas desde que anunciada a abertura dos trabalhos, já não consegui tirar os olhos da Exma. Presidente da Sessão. Indignada, Vitória gritava aos quatro ventos a necessidade de os estudantes do curso de História não apenas se posicionarem favoravelmente à greve dos profissionais da educação, mas também deflagrarem sua própria greve na luta por melhores condições no ensino público superior. Eu apenas assistia, com um ar de contentamento, ao movimento de seus belos lábios e a suas marcantes expressões de insatisfação.

Durante o decorrer dos trabalhos, os representantes da Casa do Estudante Universitário pediram a palavra para denunciar a situação de penúria em que todos ali estavam vivendo. Banho frio, risco de incêndio no sistema elétrico e todas as absurdas circunstâncias que lamentavelmente estamos tão acostumados a ouvir a respeito das instalações fornecidas pela Universidade. Para chamar a atenção de Vitória, contei a todos que era advogado atuante e que a situação da CEU talvez pudesse ser prontamente resolvida com o ajuizamento de uma demanda contra a própria Reitoria, requerendo reparos básicos e condições dignas de habitação nas instalações por ela oferecidas a seus estudantes. Ofereci meus serviços, pro bono, pouco me importando com seus resultados. Apenas me interessava captar o olhar, ainda que fugaz e desprezioso, de quem tinha todos os holofotes naquela sessão solene.

Arrependi-me de descer para fumar aquele tabaquinho. Fora os riscos inerentes a esse péssimo hábito, replicados ad nauseam em todas as carteiras de cigarro, ele ainda iria me custar uma semana de paixonite obsessiva por essa moça que eu nunca tinha visto pelo campus, mas que parecia ser o nome mais conhecido de toda a comunidade acadêmica.

A uma primeira vista, as diferenças entre mim e Vitória seriam grandes e plurais o suficiente para que considerassem-nos incompatíveis. Vitória era a Diretora do Centro Acadêmico de História, o exemplo de uma política acadêmica de relativo sucesso, popular e conhecida por todos no campus. Quanto a mim, ainda deslocado, solitário, por opção própria preferi manter relativa distância dessa comunidade acadêmica que tanto me causava estranhamento.

Além disso, Vitória vivia em seu mundo jovial de idealismos dignos de aplausos, acreditando que uma luta organizada dos trabalhadores seria a solução para todos os males do mundo. Eu, com o cinismo que o passar dos anos inevitavelmente traz, preocupava-me apenas com ganhar meu pão de cada dia e discutir um pouco de História nas horas vagas, para passar o tempo com elucubrações mentais sem finalidade definida ou aplicabilidade prática.

Vitória estava sempre com uma maçã nas mãos, seu lanche da tarde ou sobremesa preferida, cortesia dos almoços no aclamado e insalubre Restaurante Universitário. Já eu optava por um hábito menos saudável, sempre enrolando meu tabaquinho ou fumando um cigarro filado de algum outro estudante do curso de História - a contragosto, é claro, pois a defendida socialização dos meios de produção nada tem a ver com o livre compartilhamento de psicotrópicos entre os camaradas. Cada um que sustente seu próprio vício.

Vitória também amava os animais, era vegana. Eu, embora sempre tenha achado a causa digna, em minhas prévias experiências não aguentei o decurso de uma única semana antes de perceber que meus ideais eram bem menos resistentes do que a necessidade proteica de meu corpo. De família humilde e origem periférica, Vitória apenas julgava, sem palavras mas com seu olhar fulminante, minha insistência em utilizar calça social e camisa de linho para frequentar o curso, completamente destoante do estrito dress code aprovado por aqueles que defendem a ampla liberdade de sua expressão corporal.

^{1*} Servidor público, formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e estudante do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Também escreve nas horas vagas sobre qualquer tema que escape à entediante burocracia jurídica. E-mail: tiagocraccomiranda@gmail.com

Mas não é só de ideias que se faz uma mulher encantadora. Vitória era linda, e não somente aos meus olhos. Seu cabelo encaracolado no estilo black power e outros detalhes fenotípicos que revelavam uma descendência afro-brasileira ornamentavam uma pele morena, tocada pelo sol da Ilha. Contudo, a pedra de toque era sua boca, que faria qualquer desavisado ter convicção de que fora esculpida em mármore pelo mais hábil artista renascentista. Abstenho-me de utilizar aqui a infeliz expressão “beleza exótica” para não receber desagrvos e notas de repúdio de meu público leitor, tão dedicado às minúcias da expressão verbal coloquial na defesa de sua visão de mundo, mas a verdade é que a beleza de Vitória chamava a atenção justamente por destoar de qualquer padrão corporal a que nos acostumamos, por não se enquadrar em nenhum dos estereótipos vendidos em atacado nos catálogos do Instagram.

Por semanas, tive que me contentar com uma paixão platônica e uma admiração distante. A popularidade de Vitória era também sua característica que mais me irritava, pois a fazia estar sempre acompanhada de algum de seus amigos ou atarefada em algum evento de política acadêmica. Não me era concedida uma oportunidade sequer de me aproximar, me apresentar, e tentar puxar conversa para conhecê-la pessoalmente, confrontando suas belas imperfeições reais com a ilusória fantasia de mulher que eu havia criado em meus devaneios.

Passei a frequentar as assembleias estudantis e todos os eventos de mobilização da greve organizados pelo Centro Acadêmico, apenas para tentar, ainda que de forma remota, ver e ser visto, esperar minha oportunidade e fazer de tudo para não estragá-la. Logo eu, que nunca acreditei na efetividade e na própria legitimidade de uma greve estudantil, passei a ser um dos religiosos frequentadores de palestras, rodas de conversa e workshops sobre a luta pela dignidade do ensino público superior do país, e passei a me engajar e me identificar nessas falas tão panfletárias da luta sindical.

Mas o objetivo principal de aproximação de Vitória progredia lentamente, quase de modo incipiente. Eram apenas algumas trocas de olhares desinteressados, alguns acenos à distância, algumas palavras trocadas sobre a atual conjuntura da mobilização acadêmica. Se Vitória agora sabia de minha existência, considerava-a como parte da figuração de seu filme idealista para a modificação da realidade universitária. Foi então que, no ápice de meus devaneios, cansado de ser apenas elemento de composição de cenário, decidi adotar uma medida mais assertiva, senão desesperada, na tentativa de chamar sua atenção. Já conhecendo seu dom de escrita e sabendo de seu fascínio por literatura, optei por conquistar o coração de Vitória através de seu intelecto, no ambiente acadêmico por ela dominado. Decidi submeter um brevíssimo texto autoral, cheio das mais óbvias indiretas e segundas intenções, à publicação no periódico do Centro Acadêmico de História, cujas curadoria e organização eram orientadas, é claro, por sua Diretora.

O texto era simplório, um pequeno conto sem grandes inovações estilísticas, uma história de amor universitário que não foge aos clichês mais conhecidos da Sessão da Tarde. Era, por todos os aspectos, uma paródia de conto, mais pela incompetência do que pela intenção manifesta de seu autor. O enredo estava repleto de referências e alusões a cenas, personagens e situações reais da vida universitária, com algumas mal disfarçadas modificações e distorções para embelezar a pobre obra e atribuir-lhe um sentido.

Meu objetivo ao submetê-lo à publicação era tão somente que ele fosse lido pelas amigas de Vitória, editoras do periódico, que então comentariam com sua companheira para juntas rirem da breguíssima tentativa de aproximação antes de descartá-lo na pilha dos textos suficientemente mal-escritos para não serem dignos de publicação em uma revista estudantil. O resultado, porém, foi bastante diverso. Publicado o periódico, meu texto era um dos destaques, logo nas primeiras páginas e com letras garrafais. A repercussão, como se podia esperar, foi desmoralizante para seu autor.

Na data seguinte à publicação, metade do campus já havia lido e comentado com a outra metade. Os comentários, é claro, nada receptivos, com todo tipo de piadinhas sobre a pobreza da escrita ou sobre a desesperada tentativa de um anônimo chamar a atenção da tão afamada e inacessível Diretora do Centro Acadêmico.

De minha parte, quase não dava ouvidos à recepção crítica. Para mim, tanto os aplausos quanto as vaias dos aspirantes a intelectuais estudantes do curso de História de uma Universidade Federal me soam apenas como ruídos distantes, incompreensíveis, com idêntico peso em minha balança de preocupações. Meu único desapontamento é que a única leitora que, de fato, me importava, tinha quedado-se em silêncio. Nem uma única palavra a respeito de minha inoportuna investida. Vitória soube ser fria e impenetrável para demonstrar sua clara insatisfação com o gracejo.

O silêncio foi quebrado algumas semanas após o burburinho. Uma bela tarde estava eu fumando meu tabaquinho habitual no centro de convivência quando chega Vitória, enfim desacompanhada de seus infundáveis amigos, e senta-se ao meu lado. “Li seu texto”, disse ela. “Achei risível, um pouco ofensivo em algumas partes, mas se tu praticares bastante talvez tenha algum futuro como roteirista de dorama ou de novelas do tiktok”. Eu apenas ri e agradei aos céus. Não comentei nada, somente respirei aliviado observando ela se retirar tão rapidamente quanto havia chegado. Meu objetivo tinha sido atingido: chamei a atenção dessa inalcançável figura. Nada mal para a primeira e tão antecipada conversa a sós.

Continuei frequentando as atividades de greve. Em verdade, me fazia cada vez mais presente. Minha constância passou a ser notada. Ganhei voz, conseguia externalizar meus pontos de vista e contribuir com uma ideia ou outra. Vitória estava sempre lá, mordiscando sua maçã, ouvindo e concordando silenciosamente. Passamos a conversar com maior frequência, na maioria das vezes acompanhados, algumas raras ocasiões só eu e ela. Passamos a nos conhecer. Ela era muito mais encantadora do que minha limitada imaginação pudera conceber. De minha parte, consegui refazer a primeira impressão de um garoto mimado e deslocado em um ambiente a que não pertencia.

Passamos de frequentadores do mesmo ambiente para conhecidos, de conhecidos para amigos de amigos, e, enfim, para amigos de ocasião.

A greve se agravou. A categoria docente estava na iminência de aceitar o acordo proposto pelo Ministério da Educação e encerrar sua mobilização. Isso significaria um duro golpe no movimento até então vendido como “unificado”. Aos Técnicos, foram oferecidas migalhas, um pouco mais que isso. Quanto à luta estudantil, vinha progressivamente perdendo adesão, os estudantes já estavam cansados e sem um rumo certo, ainda que nem promessas vazias tinham sido feitas para a melhoria das condições das estruturas do campus. Em um ato desesperado, alguns estudantes mais engajados ocuparam o Centro de Filosofia e Ciências Humanas e passaram a nele habitar, impedindo a regular retomada das aulas pelos docentes e promovendo uma última pressão política contra a Reitoria.

A ocupação se arrastou por dias e os bravos - embora poucos - estudantes mantiveram-se firmes em suas convicções, ainda que isso lhes custasse o conforto de seus lares. Dadas as minhas obrigações profissionais, eu me limitei a apoiar o movimento à distância e, por vez ou outra, frequentar a ocupação e os pequenos eventos de conscientização por eles organizados para prestar meu inepto apoio. Vitória estava lá, nas linhas de frente, bradando aos quatro ventos que só sairia quando as reivindicações dos estudantes fossem dignamente apreciadas e atendidas pelo Reitor.

Ocorre que sempre haverá um engravatado para tensionar ainda mais uma situação política com complexidades jurídicas. O Ministério Público Federal, se compadecendo do clamor barulhento dos docentes que não queriam perder o semestre e vislumbrando a inércia da Reitoria, ajuizou sua ação de reintegração de posse com pedido liminar para pronta e imediata desocupação das sedes públicas da Universidade Federal, autorizado o uso da força policial, se necessário. Os estudantes sentiram o peso de uma caneta empunhada por uma autoridade judiciária.

Estavam a uma simples decisão de ver todo seu movimento político desmontado com violência. A orientação de sua líder, no entanto, era clara: “só saio daqui carregada pelos policiais. O meu respeito aos que me acompanharem”.

Naqueles mesmos dias, havia sido recém proferida a sentença naquela demanda da Casa do Estudante Universitário para a qual eu havia oferecido meus inexperientes serviços advocatícios. Em um golpe de sorte, a decisão foi de integral procedência, com determinação à Reitoria de imediata reparação de dignas condições de habitação do CEU sob pena de multa diária, sem prejuízo da adoção de outras medidas indutivas, coercitivas, mandamentais ou sub-rogatórias necessárias ao cumprimento da ordem judicial. A pueril fama estudantil que a conquista me rendeu não teria valido de nada não fosse sua consequência mais importante, a de ter chegado aos ouvidos de Vitória justo no momento em que seu tão estimado movimento estudantil mais precisava de orientação e respaldo jurídico no hostil ambiente de batalha travado em um processo judicial.

O pedido do Ministério Público foi acatado pelo Juízo em menos de vinte e quatro horas e seria cumprido, com ou sem a colaboração estudantil, na manhã seguinte. Ao fim da tarde, esgotado após o expediente, recebo a ligação de Vitória desesperada, perguntando quase aos prantos se havia alguma saída jurídica para revertermos a situação. É evidente que não havia outra resposta a ser dada. Respondi que iria ajudar e fazer o possível e mais um pouco para tentarmos modificar a decisão.

As horas seguintes à ligação remanesceram em minha lembrança de maneira etérea, fragmentada, quase como num sonho. Lembro-me de ter me dirigido à ocupação, tentando explicar da maneira mais didática possível a situação jurídica em que os estudantes se encontravam e, a partir de então, esgotado a noite na redação da peça jurídica mais importante de minha vida - pois de seu sucesso dependeria a única conquista que de fato me importava.

Junto aos estudantes, fizemos uma obra-prima do recurso jurídico, detalhando a situação de abandono em que se encontravam as dependências universitárias e defendendo a legitimidade da ocupação enquanto um movimento político, de desobediência civil que daria orgulho a Thoreau. Para além da alinhada dissertação jurídica, o instrumento recursal contava com imagens, vídeos, depoimentos dos estudantes e esclarecimentos acerca das conjunturas da manifestação.

Já ao raiar do dia, consegui agendar uma reunião com o Procurador Federal responsável pelo caso, que surpreendentemente me recebeu em sua residência. Expliquei-lhe a situação e, movido de uma força de persuasão que nunca fez parte de minha personalidade, consegui convencê-lo de que a imediata reintegração de posse seria um erro infeliz, que poderia custar a confiança de toda uma classe estudantil no sistema judiciário e no próprio senso de justiça de nosso país. Juntos, entramos em contato com o Desembargador Relator do recurso, distribuído naquela madrugada, e fomos pessoalmente despachar junto a ele.

Com calma em meu coração, recebi a compreensão do Desembargador quanto ao caso, que se prontificou a redigir de próprio punho uma decisão liminar concessiva de efeito suspensivo ao recurso, a ser juntada aos autos processuais em dez minutos, determinando a suspensão imediata da ordem de reintegração. Com a decisão em mãos, saí do Tribunal rumo à Universidade, dirigindo o mais rápido que minha prudência e minha perícia permitiam, na vã expectativa de chegar antes do Oficial de Justiça e de sua força policial.

Ao chegar ao campus, me deparei com um cenário de guerra iminente. O Oficial de Justiça, premeditando um confronto com os estudantes, não se contentou em chamar apenas o reforço policial, mas a própria tropa de choque para assegurar o cumprimento de seu dever. A mídia, ansiando por um confronto cinematográfico, também já estava toda a postos. Os estudantes, mantendo-se corajosos, resistiam nas barricadas feitas diante das portas com mesas e cadeiras. Com os ânimos exaltados, estávamos a um tom de voz mais estridente do estopim de um confronto que mancharia a história das forças policiais e da faculdade de História da Universidade Federal.

Vitória mantinha-se à frente de seus companheiros, com a cara fechada, o olhar fulminante direcionado às forças policiais, segurando sua maçã mordiscada em uma das mãos e a outra armada com algum improvisado objeto contundente,

pronta para resistir com unhas, dentes e o que mais fosse necessário. É nesses momentos que compreendemos a força das ideias na jovem mente daqueles que ainda não perderam a esperança na humanidade e que abraçaram como sua missão de vida a tentativa de mudar uma realidade concreta que lhes pesa os ombros. Mas afinal, quem nada tem a perder, muito tem a ganhar e todos que ali estavam não tinham outra opção que não a de dedicar suas vidas à ideia de mundo que lhes fora prometida, mas nunca entregue.

Fui correndo me posicionar no centro do conflito, entre os estudantes e o Oficial de Justiça, de braços abertos pedindo apenas mais um momento de paz. Fiz sinal para Vitória se aproximar e juntos nos reunimos ao Oficial de Justiça e ao encarregado das forças policiais, todos desconfiados e prontos para dar a ordem de ataque.

Apresentei-lhes a decisão e a li em voz alta, para que todos os presentes pudessem ouvi-la, acompanhado de flashes de fotos dos jornais locais. Se em algum momento fui protagonista de alguma cena em minha vida, o momento foi este.

Ao ouvir a nova ordem judicial, a força policial prontamente baixou sua guarda. Os estudantes, em um misto de alívio e esgotamento físico e mental, celebraram como puderam. Vitória, ao meu lado, tomada pelo momento de exaltação, me abraçou. E eu a abracei. Então beijei Vitória. E Vitória me beijou. O sabor de Vitória é doce. Tem gosto de maçã.

